

12 de fevereiro de 1958

Seminário da quarta-feira de 12 de fevereiro de 1958

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS:

- Artigo de Jones: *Phallic phase*, International Journal of Psychoanalysis, vol. 14, 1933, 1ª parte.
- Rank, Otto: *Perversions and Neuroses* Papers of side analyses, vol. 4, 3ª parte

Isto está relacionado com o artigo inicial sobre o desenvolvimento teórico do pensamento analítico sobre as neuroses no que veio depois de *Bate-se numa criança*. Este artigo é o sinal dado por Freud a uma reviravolta ou a um passo adiante de seu próprio pensamento e ao mesmo tempo a tudo quanto se seguiu concernente ao estudo da perversão.

Verão que se se olha de perto o que ocorre naquele momento, a melhor fórmula que se pode dar disso é aquela que permite somente dar o registro daquilo que tento aqui lhes mostrar, a instância essencial na formação dos sintomas, isto é, a intervenção da noção de significante.

Aparece claramente, desde que Freud o mostrou, que na perversão, o instinto, a pulsão, absolutamente nenhum direito têm a ser promovidos ou declarados como mais desnudados, se assim se pode dizer, na perversão que na neurose.

Todo artigo de Hans Sachs, que é tão notável, sobre a gênese das perversões, é para mostrar que em toda perversão, qualquer que ela seja, há exatamente a mesma estrutura de compromisso, de elisão, de dialética do recalque e do retorno do recalque que há na neurose. Isto é o essencial do artigo do qual ele dá exemplos convincentes, absolutamente. Há sempre na perversão algo que o sujeito não pode reconhecer com aquilo que este *voto* comporta em nossa linguagem. Algo se concebe aí como sendo articulado e todavia não somente fundamentalmente desconhecido pelo sujeito, mas recalque pelo sujeito por razões, em suma, de articulação essencial.

Isso é a mola do mecanismo analítico, que faria com que se o sujeito o reconhecesse, ele seria forçado ao mesmo tempo a reconhecer uma série de outras coisas, as quais lhe são propriamente intoleráveis, o que é o recurso do recalque, o recalque só podendo se conceber enquanto ligado a uma cadeia significante articulada. Toda vez que há recalque na neurose, é na medida em que o sujeito não quer reconhecer algo que necessitaria - e este termo necessitaria comporta sempre um elemento de articulação significante que absolutamente não é concebível a não ser numa coerência do discurso.

Para a perversão é exatamente a mesma coisa. Eis o que, em 1923, em seguida ao artigo de Freud, todos os psicanalistas descobrem: que a perversão, essencialmente, se observada de perto, comporta exatamente os mesmos mecanismos de elisão de algo que lhe é fundamental, que faz parte das relações do sujeito com um certo número de termos essenciais que são exatamente os termos fundamentais que encontramos na análise das neuroses, que são os termos edipianos.

Se contudo há uma diferença em algo, esta diferença merece ser observada extremamente de perto. Em caso algum ela poderia se contentar com uma oposição tão sumária quanto a que diria que se na neurose a pulsão é evitada, na perversão ela se mostra nua.

A pulsão aparece, mas só aparece parcialmente. Ela aparece em algo que, em relação ao instinto, é muito surpreendente, como sendo um elemento desligado, um signo propriamente falando, indo até dizer um significante do instinto. É por isso que na última

12 de fevereiro de 1958

vez, ao deixá-los, insistia por exemplo sobre o elemento instrumental que há, por exemplo, numa série de fantasmas ditos perversos, para, por enquanto, nos limitar a esses porque convém partir do concreto e não de uma certa idéia geral que podemos ter daquilo que chamamos a economia instintual de uma tensão agressiva ou não, de suas reflexões, de seus retornos, de suas refrações. Não é sempre isso que nos mostra a prevalência de certos elementos cujo caráter, verdadeiramente, não só emergente, mas propriamente falando, isolado na forma prevalente, insistente, predominante, que estas perversões tomam sob a forma dos fantasmas, isto é, sob a forma daquilo através de que elas comportam satisfação imaginária.

Por que estes elementos que têm este lugar privilegiado - falei outrora do sapato, falei igualmente do chicote - não podemos ligá-los pura e simplesmente a algo que surgiria de uma espécie de economia biológica pura e simples do instinto? O caráter prevalente destes elementos que se isolam, destes elementos instrumentais que tomam aí uma forma evidentemente simbólica demais para que possa ser um instante desconhecido, desde que se aproxime da realidade do vivido da perversão, e esta constância através das transformações no decurso da vida do sujeito mostram a evolução da perversão.

Esta constância de um termo que se reencontra sempre, ponto no qual Hans Sachs também insiste, é uma coisa feita para sublinhar ainda mais que, para nós, a necessidade de admitir como elemento último, irreduzível, um elemento cujo lugar na economia subjetiva devemos ver, mas um elemento que deve ser lembrado como primordial, como essencial deste elemento significante na perversão.

É, pois, a partir de um fantasma isolado por Freud num conjunto de oito doentes, seis moças e dois rapazes, com formas neuróticas bastante nuançadas, nem todas, aliás, neuroses, mas uma parte bastante importante estatisticamente, é a partir do estudo sistemático e muito cuidadoso, seguido passo a passo, com um escrúpulo, que é justamente o que distingue entre todas estas investigações do próprio Freud, quando é ele que as faz. É através destes sujeitos, por mais diversos que sejam, pela pesquisa das transformações da economia, através de etapas que são as etapas do complexo de Édipo, de um certo fantasma, este fantasma *bate-se numa criança*, que Freud começa a articular plenamente o que se desenvolve depois como sendo o momento de investigação própria das perversões em seu pensamento, e insisto nisto, que nos mostrará sempre mais a importância, nesta economia, de algo que é propriamente falando, e como tal, o jogo do significante.

Não posso, aliás, de passagem, deixar de apontar uma coisa: não sei se notaram que nos últimos escritos de Freud, um de seus últimos artigos, *Construções na Psicanálise*, mostra a importância central da noção de relação do sujeito ao significante como sendo absolutamente fundamental para se conceber tudo quanto podemos juntar; e é um dos últimos artigos que Freud escreveu, daquilo que representa, afinal de contas, o mecanismo de rememoração como tal na análise que é essencialmente ligado como tal à cadeia significante. É perfeitamente verificado, neste artigo, é o último artigo de Freud que temos, o que em *Collected Papers* estava traduzido sob o título de *Splitting of the Ego* que traduzo por divisão ou estouro do *eu [mã]* no mecanismo do sintoma analítico, aquele do qual se pode dizer, que é aquele sobre o qual parou, caindo-lhe a pena das mãos; este artigo ficou inacabado, é a última obra que ele nos lega; liga estreitamente tudo quanto é da economia do ego com esta dialética do reconhecimento perverso, se assim se pode dizer, de certo tema ao qual o sujeito é confrontado; liga estreitamente num nó indissolúvel a função do ego e a relação imaginária como tal, em relações do sujeito à realidade, e na medida em que esta relação imaginária é usada e integrada ao mecanismo do significante.

12 de fevereiro de 1958

Tomemos agora o fantasma de *bate-se numa criança*.

Freud se detém sobre o assunto do que significa este fantasma no qual parece estar mergulhada, se não a integridade, pelo menos uma parte importante das satisfações libidinais do sujeito. Ele insiste, ele o viu em grande parte em sujeitos femininos, menos em sujeitos masculinos. Não se trata de qualquer fantasma sádico ou perverso, trata-se daqueles que se fixam e culminam sob esta forma da qual o sujeito dá primeiro o tema de maneira muito reticente. Parece que uma carga bastante grande de culpabilidade se liga, para o sujeito, à própria comunicação deste tema que, assim que ele o tem revelado, dado, não pode, para ele, se articular de outra maneira a não ser com *bate-se numa criança*.

Bate-se. Isso quer dizer que, para o sujeito, não é ele que bate, ele está aí como espectador. Freud começa a analisar a coisa como ela ocorre na imaginação das meninas, nos sujeitos femininos que tiveram de lhe revelar isso. Trata-se de um personagem que, considerando-o em seus caracteres gerais, pode ser considerado como pertencente à série, à raça do personagem que tem a autoridade. Não é o pai, é ocasionalmente um professor do primário, um personagem todo poderoso, um rei, um tirano. Às vezes isso é muito romanceado; reconhece-se, não o pai, mas algo que é, de alguma forma, a equivalência para nós. Poderemos situá-lo mui facilmente, e isso nos permite verdadeiramente situá-lo logo de entrada na forma acabada do fantasma, a não nos contentar com esta espécie de homologia com o pai, não assimilá-lo ao pai, colocá-lo num certo ponto que é este além do pai, situá-lo em algum lugar nesta categoria do que temos o cuidado de distinguir das incidências do pai real.

Trata-se de várias crianças, de uma espécie de grupo, de multidão, e são sempre meninos. Isso coloca problemas certamente bastante numerosos para que nem sequer eu possa pensar em discuti-los hoje. Peço simplesmente que releiam este artigo de Freud. A primeira e fundamental [observação] implicada por essas leituras é a do artigo do próprio Freud publicado na velha *Revue Française de Psychanalyse*, tom 6, n^{os} 3 e 4.

Que, finalmente, sejam por exemplo, sempre meninos que apanhem, isto é, sujeitos de sexo oposto àquele do sujeito do fantasma, é algo sobre o que se pode especular indefinidamente. Tentem compará-lo de alguma forma logo de entrada com temas como o da rivalidade dos sexos. Por exemplo, é com isso que Freud terminará seu artigo para mostrar as aparentes justificações da profunda incompatibilidade das teorias, como, por exemplo, a de Adler, para explicar um resultado parecido. Certamente não é sobre isso que vamos nos introduzir, sendo a argumentação de Freud pura e simplesmente suficiente, e isso não é nosso interesse essencial. O que nos interessa é a maneira com que Freud procede para abordar o problema. Ele começa dando-nos o resultado de suas análises e fala do que ocorre na menina para as necessidades da exposição, para não precisar fazer perpetuamente aberturas duplas, alternativas, isto na menina, aquilo que no menino; em seguida ele toma aquilo para o que, por sinal, ele tem menos material, o que ocorre no menino.

O que ele nos diz? Ele constata constâncias, ele no-las traz. O que lhe parece essencial é o avatar deste fantasma, quero dizer, as transformações que a investigação analítica - os antecedentes também, que a investigação analítica permite dar a este fantasma. Para dizer tudo, a história deste fantasma, as subjacências deste fantasma, aí ele reconhece um certo número de estados nos quais alguma coisa muda, alguma coisa permanece constante. Trata-se para nós de tomar um ensinamento disso, de ver o que para nós pode representar esta

12 de fevereiro de 1958

espécie de resultado desta investigação minuciosa, que tem também esta marca de precisão e de insistência, de volta ao trabalho de seu material até que ele tenha verdadeiramente destacado o que lhe parecem ser as articulações irredutíveis que fazem a originalidade de quase tudo o que Freud escreveu.

Mas o que vemos especialmente nas *Cinco grandes psicanálises*, neste admirável *Homem dos lobos* em que ele volta sem cessar ao mesmo tema, que é procurar estritamente a parte daquilo que podemos chamar de origem simbólica e origem real daquilo que é a cadeia primitiva na história do sujeito, é isso mesmo.

Aí, da mesma forma, ele destaca três etapas, três tempos. Uma primeira etapa, diz ele, que se encontra sempre nas meninas, nesta ocasião, que é isto; a criança que apanha num certo momento da análise, desvenda, diz ele, sua existência, em todos os casos, sua verdadeira personalidade. É um *germano* isto é, um irmão ou uma irmã. Logo é num irmão ou numa irmã mais jovem que o pai bate. A significação disso, nos diz Freud, se coloca mui nitidamente sobre dois planos.

Qual é a significação, nos diz ele, deste fantasma? É muito surpreendente vermos sob a pena de Freud sair, naquele momento, que há aí algo do qual não podemos dizer se se trata de algo sexual, de algo sádico. É, diz ele - evocando aí, como ele o faz, uma referência literária, a de uma resposta de uma das bruxas em *Macbeth* a Banquo - é algo que é feito da mesma matéria da qual ambos, o sexual e o sádico, saem.

Encontramos aí, naquilo que, num artigo que será publicado pouco após “O problema econômico do masoquismo”, Freud nos define como verdadeiramente ligado a esta etapa primeira, onde devemos conceber que há em algum lugar - isto é absolutamente exigido pelo ponto em que estamos, estamos em 1923, isto é, depois do *Além do princípio do prazer* - como este ponto onde devemos pensar que há primitivamente, pelo menos para uma parte importante, fusão dos instintos, ligação dos instintos libidinais, dos instintos de vida com os instintos de morte; que esta fusão é algo cujo estado primitivo devemos admitir, de maneira que somos levados a conceber a evolução instintual como comportando uma parte mais ou menos precoce da des fusão [*défusion*] desse instinto, que era a precocidade da des fusão desse instinto, do isolamento, por exemplo, do instinto de morte [que] devemos atribuir certas prevalências ou certas paradas na evolução do sujeito.

Mas ao mesmo tempo Freud sublinha que é ao nível [arcaico] que se situa a significação deste fantasma primitivo. É na medida em que do pai e por parte do pai, ele não encontra etapa mais elevada do fantasma; quero dizer, etapa arcaica anterior. É na medida em que por parte do pai é negado a esta criança, ao irmão ou à irmã mais jovem, que sofre no fantasma, a sevícia por parte do pai, é na medida em que há denúncia da relação de amor, humilhação, que este sujeito é visado neste fantasma, em sua existência de sujeito, que é o objeto de uma sevícia, e que esta sevícia consiste em negá-lo como sujeito, em reduzir a nada sua existência como desejante, de reduzi-lo, como tal, a algo que, como sujeito, tende a aboli-lo.

Isso é o sentido do fantasma primitivo: meu pai não gosta dele, e é isso que agrada ao sujeito: o fato que o outro não é amado, isto é, não está estabelecido na relação propriamente simbólica. É através deste veio, deste viés, que a intervenção do pai toma aqui seu valor para o sujeito, primeiro, essencial, aquele de que vai depender toda a continuação.

12 de fevereiro de 1958

O segundo tempo, nos diz Freud - e isso não é menos importante a ser considerado que a articulação do primeiro tempo (este primeiro tempo, nos diz ele, se reencontra na análise, o outro, nunca) - deve ser reconstruído.

Aquilo que enfatizo e sobre o que peço que se detenham, são as enormidades da dedução freudiana, a asserção de Freud, porque é isso que é o importante. Não devemos simplesmente nos deixar conduzir, segui-lo com os olhos mais ou menos vendados. Devemos nos aperceber do alcance daquilo que ele diz.

Este segundo tempo, ele deve ser reconstruído.

Não nos detenhamos por enquanto para saber se isso é legítimo ou não. É muito importante para nós nos apercebermos do que Freud faz, e do que ele nos manda fazer, graças a que pode-se continuar toda sua construção.

Esse segundo tempo é isto: o fantasma nascido [nascido - termo duvidoso] assim [dessa] relação triangular, que, repito, deve ser considerada como arcaica, primitiva, e que todavia, não está entre o sujeito e a mãe e a criança, mas entre o sujeito, o irmão ou a irmã mais jovem e o pai. Estamos antes do Édipo, e, no entanto, o pai está presente.

O segundo tempo está ligado à relação do Édipo como tal, digo, para a menina, e tem este sentido de uma relação privilegiada da menina com seu pai. É ela que apanha, e em torno disso, a convergência do material analítico exige reconstruir esse estado do fantasma, mas este fantasma, nos diz Freud, nunca vem à lembrança. Em compensação, o tempo, na menina, do desejo de ser o objeto do desejo de seu pai, com o que isto comporta de culpabilidade, Freud admite que pode ser o retorno culpado deste desejo edípiano que exige que ela própria se faça reconstruir unicamente, neste fantasma, o objeto do castigo.

Freud fala também, a este propósito, de regressão, isto é, na medida em que esta mensagem não pode ser reencontrada na memória do sujeito, na medida em que ela está recalçada, um mecanismo correlativo que a este propósito ele chama de regressão, pode fazer com que seja a esta relação anterior que o sujeito recorra para expressar num fantasma que nunca é exposto, esta relação que o sujeito tem naquele momento com o pai, relação francamente libidinal, já estruturada sobre o modo edípiano.

Num terceiro tempo e após a saída do Édipo, não sobrar nada a não ser este esquema geral onde uma nova transformação terá se introduzido e que será dupla: a figura do pai está ultrapassada, transposta, mandada de volta à forma geral do personagem onipotente e despótico e o próprio sujeito será aí apresentado sob a forma destas crianças multiplicadas que nem sequer são mais de seu próprio sexo, que são uma espécie de série neutra de crianças.

Algo que, de certa forma, fica mantido, fixado, memorizado, poder-se-ia dizer, nesta forma última de fantasma, e este algo vai permanecer depois para o sujeito investido desta propriedade de constituir a imagem privilegiada sobre a qual o que o sujeito poderá experimentar, propriamente falando, de satisfações genitais, encontrará seu apoio, seu suporte.

Eis algo que contudo, parece merecer nossa atenção, nossa reflexão.

O que, no esquema, os termos cujo primeiro uso tentei lhes ensinar, podem vir a representar?

12 de fevereiro de 1958

Retomo meu triângulo imaginário e meu triângulo simbólico. Toda a primeira dialética da simbolização da relação da criança à mãe é essencialmente feita para o que é significável, isto é, para o que nos interessa. Há outras coisas além, há o objeto, com efeito, que a mãe pode representar, como portadora do seio, e aquela que pode trazer certas satisfações imediatas à criança. Mas se houvesse somente isso, não haveria espécie alguma de desenvolvimento nem dialética de relação do sujeito à criança, nem nenhuma abertura no edifício. Depois, a relação do sujeito à criança não é simplesmente feita de uma relação de satisfação ou de frustração, ela é feita deste descobrimento do que é objeto do desejo da mãe. É essencial para toda e qualquer compreensão, e toda a seqüência do que lhes direi será feita para demonstrá-lo. Ela é feita primeiro de um reconhecimento daquilo que é o desejo da mãe. É na medida em que, de uma maneira que para toda história analítica, para a teoria como para a prática, é um problema saber porque, neste ponto privilegiado daquilo que faz o objeto do desejo da mãe, isto é, o mundo do significado tal como ele se apresenta a partir do sujeito, daquele que deve se constituir em uma aventura humana, dessa criancinha da qual falávamos, da descoberta que ela deve fazer, é função privilegiada naquilo que, para a mãe, significa seu desejo, a função privilegiada do falo [que] quando lerem o artigo de Jones sobre a *Phallic phase* verão as dificuldades insondáveis que nascem desta afirmação de Freud de que para os dois sexos há uma etapa absolutamente original, essencial, daquilo que está estreitamente ligado a seu desenvolvimento sexual, etapa onde, tanto para um como para outro sexo, o tema do outro como Outro desejante, está absolutamente ligado à posse do falo.

É isso que não pode literalmente ser entendido num certo registro por quase todas as pessoas que cercam Freud, ainda que se contorsionem para fazê-lo entrar apesar de tudo, porque os fatos os obrigam a isso em sua articulação de alguma coisa, da história do que ocorre no sujeito. É por não entenderem que o que Freud diz aí, é um significante pivô em torno do qual gira toda a dialética daquilo que o sujeito deve conquistar por si mesmo, por seu próprio ser, mediante o que por não entenderem que se trata de um significante, e não de outra coisa, os comentadores se esgotam para reencontrar sob a forma de mil marcas que, claro, correspondem às suas experiências diversas, algo que é equivalente, isto é, a realidade contra a qual, em algum lugar, o sujeito se defende sob a forma desta crença no falo, e evidentemente recolhem a este respeito um monte de fatos extremamente válidos; mas sempre só fazem deles um caso ou um caminhar peculiar que ainda não explica por que este elemento privilegiado, especial, é tomado como centro e pivô da defesa.

Se lerem particularmente o que Jones dá como a função desta crença no falo no desenvolvimento do menino, se aperceberão que o que ele faz a este respeito é muito especialmente o que ocorre ao nível do desenvolvimento do homossexual, ou seja, está longe de ser o desenvolvimento geral.

Trata-se aqui com efeito da forma mais geral, e esta forma mais geral só é concebível na medida em que se dá a este falo a função - permitam-me uma fórmula que vai lhes parecer muito ousada, mas nunca precisaremos voltar a ela se conseguirem admiti-la por enquanto sob sua forma resumida para uso operacional - eu lhes disse que no interior do sistema significante, de alguma forma o Nome-do-Pai tem a função do conjunto do sistema significante, aquele que significa, que autoriza o sistema significante a existir, que faz a lei. Direi que, freqüentemente, no sistema significante, devemos considerar que o falo entra em jogo a partir do momento em que o sujeito deve simbolizar como tal esta oposição do significante ao significado, quero dizer, a significação.

12 de fevereiro de 1958

O que importa ao sujeito, o que ele deseja, o desejo enquanto desejado, o desejado do sujeito, quando o neurótico ou o perverso deve simbolizá-lo, em última análise, é com ajuda do falo. O significante do significado geralmente é o falo. Isto é essencial. Se partirem daí entenderão muitas coisas. Se não partirem daí entenderão muito menos coisas, e serão forçados a dar muitas voltas para entender coisas extremamente simples.

Este falo é desde já aquilo que entra em jogo como tal desde a primeira abordagem do sujeito com o desejo da mãe. Este falo está velado e ficará velado até o fim dos séculos por uma simples razão; é que ele é um significante último na relação do significante ao significado. Com efeito, há poucas chances de que afinal de contas ele se desvende de outra maneira que não sob sua natureza de significante, isto é, que ele nunca se revele verdadeiramente a não ser como significante. Ele significa.

No entanto, chegamos a isto: Pensem no que ocorre neste caso que é aquele propriamente considerado por Freud, e que não temos considerado até agora, se neste lugar intervém algo muito menos fácil de articular, de simbolizar, qualquer coisa que seja de imaginário, isto é, a esta fase primeira que é a que nos designa Freud, um sujeito real.

O desejo da mãe aqui não é mais objeto de uma busca enigmática onde o sujeito deve, no decurso do seu desenvolvimento, traçar este signo, o falo, para que depois, evidentemente, este falo entre na dança do simbólico, isto é, seja depois o objeto preciso de castração, e depois, lhe seja devolvido sob outra forma, isto é, faça com que primeiro se trate que ele seja. Ele o é, mas aqui estamos na origem, estamos no momento em que ele está confrontado com o lugar imaginário onde se situa o desejo da mãe, e este lugar está ocupado.

Não podemos falar de tudo ao mesmo tempo e, por sinal, foi muito feliz que não tenhamos pensado logo nisso: se tivéssemos pensado logo nesse papel que, sabemos, ser de importância decisiva na eclosão das neuroses - basta ter a mínima experiência na análise para saber o quanto a aparição de um irmãozinho ou de uma irmãzinha desempenha um papel verdadeiramente crucial na evolução de qualquer neurose que seja. Porém, se nos detemos aqui, isso tem para nós exatamente o mesmo efeito em nosso pensamento que para o sujeito em sua neurose, isto é, se nos detemos logo nessa relação de realidade, isso nos esconde completamente a função desta relação, ou seja, é na medida em que esta relação vem no lugar daquilo que necessita de um desenvolvimento todo diferente, um desenvolvimento de simbolização, e que isso o complica, e que isso exige uma solução totalmente diferente. É por isso que esta relação ao irmão ou à irmãzinha, a um rival qualquer, toma seu valor decisivo.

Ora, aqui, o que vemos no caso da solução fantasmática ligada ao fantasma nesta ocasião dita masoquista?

Vemos algo cuja natureza Freud nos articulou. Este sujeito é abolido no plano simbólico. É na medida em que ele é um nadinha, que ele é algo a que toda consideração é negada enquanto sujeito, que a criança encontra neste caso peculiar o fantasma de fustigação. É nesta qualidade, e na medida em que a criança vai conseguir a solução do problema a este nível.

Devemos nos limitar ao caso em que é assim, mas entender o que ocorre no caso em que é assim. É efetivamente de um ato simbólico que se trata, e Freud o sublinha bem: o que ocorre nesta criança ocorre no próprio sujeito que pensa ser alguém na família. Uma única bofetada, nos diz Freud, basta muitas vezes para precipitá-lo do topo de sua onipotência.

12 de fevereiro de 1958

Trata-se bem de um ato simbólico e eu diria que a própria forma que entra em jogo no fantasma, a saber, o chicote, a vara, tem algo que porta em si o caráter e a natureza de não sei qual coisa que no plano simbólico se exprime por um traço, por algo que barra o sujeito. É antes de ser qualquer coisa diferente que seja, uma [vara], uma [haste], algo que possa se atribuir a uma relação de certa maneira física do sujeito com aquele que se abre [ou: que sofre]; é antes de mais nada algo que risca, que o barra, que o abole, algo significativo que intervém.

Isto é tão verdadeiro que quando a criança, mais tarde - tudo isso está no artigo de Freud, eu o sigo por linha - encontra efetivamente o ato de bater, isto é, quando na escola ela vê diante dela uma criança apanhar, diz Freud - e isto simplesmente sobre o texto de sua experiência dos mesmos sujeitos dos quais ele extraiu a história deste fantasma - não acha isso divertido. Quero dizer que isso lhe inspira algo da ordem da imaginação - é mal traduzido em francês - isto é, uma aversão, um virar de cabeça. O sujeito é forçado a suportá-lo, mas não é responsável, ele fica à distância. O sujeito está muito longe de participar no que está realmente ocorrendo, quando é confrontado com uma cadeia efetiva de fustigação. E assim, nos fantasmas - Freud considera isso e o indica mui precisamente - o prazer mesmo deste fantasma está manifestamente ligado a seu caráter pouco sério, inoperante, que isso não atenta à integridade, se assim se pode dizer, real nem física do sujeito. É bem seu caráter simbólico, e é como tal que é erotizado, e isto, desde a origem.

Aqui o segundo tempo, e isto tem sua importância para a valorização deste esquema que lhes introduzi na última vez. É isto: este fantasma no segundo tempo vai tomar um valor todo diferente, e é justamente isso que é o enigma, todo o enigma. É a essência do masoquismo, é na mudança de sentido deste fantasma como tal, a saber, como este algo que serviu para negar o amor é este mesmo algo que vai servir para significá-lo.

Quando se trata do sujeito, não há meio de sair deste impasse, e não lhes digo que seja algo fácil de se apreender como explicado, como desdobrado. É preciso que primeiro estejamos a par, isto é, que é assim, e após isso tentaremos entender porque isso pode ser assim. Em outras palavras, porque a introdução deste significativo radical que se divide em duas coisas, uma mensagem: a criança batida, o sujeito recebe a notícia; o pequeno rival é uma criança batida, isto é, um nadinha, algo sobre o qual se pode sentar, e disso, um significativo que é preciso isolar como tal, a saber, com que se faz aquilo.

O caráter fundamental nesta existência efetiva do fantasma masoquista no sujeito existente é, não sei que espécie de reconstrução modelo, ideal, da evolução dos instintos, o caráter fundamental é a existência do chicote. É algo que em si mesmo merece reter nossa acentuação [ou: atenção], para que façamos com isso algo que é um significativo, que é algo que, na série de nossos hieróglifos, merece ter um lugar privilegiado por uma simples razão: primeiro, é que se observarem os hieróglifos, verão que ele tem um lugar privilegiado: aquele que segura o chicote tem sido desde sempre o diretor, o governador, o dono, e se trata disso, se trata de não perdê-lo de vista, que isto existe, e que lidamos com isto.

Isto, no segundo tempo, manifesta, pois, em sua duplicidade, a mensagem, mas uma mensagem que não chega. É esta: *meu pai me bate*. Não chega ao sujeito. É assim que se deve entender o que Freud diz naquele momento: a mensagem que a um momento significou *o rival não existe*, não é nada, é a mesma que significa *tu existes e até és amado*. É o que serve nesse momento, digamos, sob a forma regressiva, ou recalcada. Mas não importa, é, contudo, isso que serve de mensagem, mas de mensagem que não vem.

12 de fevereiro de 1958

Convém nos determos sobre este tempo enigmático, porque, como o diz Freud, é toda a essência do masoquismo, e a partir do momento em que Freud abordou, atacou fundamentalmente o problema do masoquismo como tal, isto é, o além do princípio do prazer, a partir do momento em que ele procurou qual era o valor radical do masoquismo, deste masoquismo que ele encontra como uma oposição e um inimigo radical, ele foi forçado a pô-lo em diversos termos, e encontramos aí algo, e certamente não é por nada que, três anos depois de ter feito *Além do Princípio do Prazer*, ele diz que aí está toda a essência do masoquismo.

Nisso vale a pena que nos detenhamos, mesmo se vamos aí dando passos. Devemos começar vendo o paradoxo, e vendo onde ele está. Temos pois aí a mensagem, aquela que não chega ao lugar do sujeito, e todavia, a única coisa que permanece como um signo é o material do significante, este objeto, o chicote. Ele permanece até o fim como um signo, e ao ponto de, permanecendo como um signo, de se tornar o pivô, eu diria quase o modelo da relação com o desejo do outro, já que depois o fantasma último, aquele que permanece, cujo caráter de generalidade nos é bastante bem indicado pela demultiplicação infinita naquele momento dos sujeitos, significa isto: a saber, minha relação com o outro, os outros, os pequenos outros, com o *pequeno a*, minha relação com aqueles - na medida em que esta relação é uma relação libidinal - está ligada a isto: é que os seres humanos são, como tais, todos sob a fêrula que, por ser humano, estando no mundo do desejo - submetidos desde o início, a este algo que existe além, se aqui o chamemos de pai, pouco importa, é a Lei.

Eis o que num determinado sujeito - sem dúvida entrando no assunto por vias peculiares, como numa certa linha de evolução - se define qual é a função do fantasma terminal: manifestar uma relação essencial do sujeito ao significante.

Agora vamos um pouco mais longe e lembremo-nos o que Freud nos traz concernente ao masoquismo. Lembremos em que consiste o que é introduzido como novidade, o *Além do Princípio do Prazer*, na evolução do pensamento freudiano. Ele repousa essencialmente sobre esta nota, que se considerarmos o modo de resistência ou de inércia do sujeito a uma certa intervenção curativa, normativa, normalmente somos levados a articular de maneira absoluta o princípio do prazer como esta tendência de tudo quanto é vida voltar ao inanimado. A última mola da evolução libidinal é voltar ao repouso das pedras.

Eis o que Freud, para maior escândalo aliás, de todos os que haviam feito da noção de libido a lei de seu pensamento, traz o que se apresenta ao mesmo tempo como paradoxalmente novo, e até escandaloso, quando exprimido como acabei de fazer, só se apresentando, aliás, como uma extensão daquilo que havia sido dado como a própria lei do princípio do prazer, a saber, sendo o prazer caracterizado pela volta ao zero da tentação. Com efeito, não há volta mais radical ao zero que a morte. Vocês podem notar simplesmente que aqui é esta formulação que damos ao princípio último do prazer. Somos, porém, forçados a chamá-lo de um além do princípio do prazer para distingui-lo.

Este é um dos problemas mais singelos de sua vida e de sua pessoa: Freud tinha uma relação com a mulher sobre a qual provavelmente teremos que voltar um dia: tendência bastante deplorável de receber da constelação feminina que ele teve em torno dele, nas continuadoras ou ajudantes de seu pensamento - constelação que por sinal é conforme a sua própria existência - isto é, muito privada de mulheres, ou se privando delas. A Freud só se conhecem duas mulheres: a sua e aquela cunhada que vivia na sombra do casal. Não há marca de outra coisa que seja, verdadeiramente, uma relação propriamente amorosa.

12 de fevereiro de 1958

Porém, basta que uma pessoa como Barbara Low proponha um termo tão mediocrementemente adaptado, ousado dizer, quanto o termo de Princípio de Nirvana, para que Freud lhe dê sua sanção.

A relação que há entre o Nirvana e esta noção de volta à natureza inanimada é um tanto aproximativa, e Freud se satisfaz com ela. Fiquemos satisfeitos, também.

Se o Princípio de Nirvana é a regra e a própria lei da evolução vital como tal, Freud o reconhece - deve, pois, haver algo que faça com que pelo menos de vez em quando, não seja a queda do prazer que dê prazer, mas pelo contrário, sua subida. É, pois, aí que ele se exprime. ele diz que não somos capazes de dizer por que. Deve ser algo do tipo de um ritmo temporário, de uma espécie de conveniência dos termos. Deixa aparecer no horizonte possibilidades de recorrer a explicações que, se pudessem ser dadas, certamente não seriam vagas, mas que de qualquer maneira estão muito longe de nosso alcance. Enfim, está mais no campo da música, da harmonia das esferas e das pulsações. Em todo caso, é preciso reconhecer que, já que admitimos que o princípio do prazer é voltar à morte, que o prazer efetivo, aquele com que lidamos concretamente, necessita de outra ordem de explicação que só pode estar em algum truque da vida, a saber, fazer crer aos sujeitos que é para seu prazer que estão aqui, isto é, que se volta na maior banalidade filosófica, a saber, que o véu de Maia só nos mantém em vida porque ele nos engana, e, além disso a possibilidade de atingir, seja o prazer, sejam prazeres de dar todo tipo de voltas, princípio de realidade.

Isto está além do princípio do prazer, e isto basta para Freud modificar, justificar a existência daquilo que ele chama de a reação terapêutica negativa. Mas aqui devemos nos deter um pouco porque a reação terapêutica negativa não ocorre ao nível de uma espécie de reação estoíca do sujeito, ela se manifesta por todo tipo de manifestações embaraçosas e articuladas que ele faz a nós e aos que o cercam.

Em outras palavras, este *não haver nascido* parece ser o melhor destino para o que se tornou para o ser. Este *não haver nascido* sobre o qual terminou o drama edípiano, é algo articulado. Eu diria que o momento em que Édipo acaba articulando-o como o termo e o fim de sua tragédia e nos dá, enfim, o sentido onde vem culminar toda a aventura trágica, é algo que, longe de aboli-lo, se eterniza, pela simples razão que se Édipo não conseguisse pronunciá-lo, não seria o herói supremo que é, e é justamente na medida em que ele o articula, finalmente, que ele é este herói. Na medida em que se pereniza, para dizer tudo¹.

Aquilo de que se trata no que Freud nos mostra como o *além do princípio do prazer* é que talvez haja este termo último da aspiração ao repouso e à morte eterna. Mas farei notar, e isso foi todo o sentido de meu segundo ano de seminário, que aquilo com que lidamos se faz reconhecer, se articula nas últimas resistências com que lidamos nestes sujeitos mais ou menos caracterizados pelo fato de terem sido filhos não desejados, nesta irresistível propensão para o suicídio, neste caráter muito específico da reação terapêutica negativa, pelo fato que para eles é na medida em que melhor se articula o que deve fazê-los se aproximarem de sua história de sujeitos, que eles se recusam sempre mais a entrar no jogo.

¹ *Melhor seria não haver nascido;
Como segunda escolha bom seria
voltar logo depois de vera luz
à mesma região de onde se veio*
Sófocles: Édipo em Colono, versos 1438 a 1441.

12 de fevereiro de 1958

Eles querem literalmente sair dele. Eles não aceitam ser o que são, não querem esta cadeia significante na qual foram admitidos por sua mãe, somente a pulso.

Mas isto é algo que, para nós analistas, está aqui exatamente como está no resto, não só como desejo de reconhecimento, mas como reconhecimento de um desejo, algo que se articula. O significante é a dimensão essencial disso, e quanto mais o sujeito se afirma com a ajuda do significante, como que querendo sair dele, tanto mais ele entra nela, e se integra e se torna, ele mesmo, um signo desta cadeia significante. Se ele se abole, ele se torna mais signo do que nunca, pela simples razão que é precisamente a partir do momento em que o sujeito está morto, que ele se torna um signo eterno para os demais, e os suicidados mais que os outros. É justamente por isso que o suicídio tem esta beleza horrífica que o faz tão terrivelmente condenado pelos homens, e esta beleza contagiante que faz com que as epidemias de suicídios sejam algo que, na experiência, seja tudo o que há de mais incontestável e de mais real.

Mais uma vez, pois, em *além do princípio do prazer*, Freud enfatiza o desejo de reconhecimento como tal, como fazendo o fundo daquilo que faz o fundo de nosso assunto. Aliás, será que há outra coisa naquilo que Freud chama de *além do princípio do prazer*, a saber, esta relação fundamental do sujeito à cadeia significante? Porque, se refletirem bem, no ponto em que estamos, esta idéia corre para uma pretensa inércia da natureza inanimada, para nos dar o modelo daquilo a que a vida aspiraria, e é algo que deve nos fazer sorrir. Quero dizer que a volta ao nada não é de todo assegurada, e o próprio Freud, num pequeno parêntese que peço que reencontrem na economia do masoquismo, quando ele reevoca seu próprio *além do princípio do prazer*, nos diz que a natureza inanimada é este algo concebível como a volta ao mais baixo nível da tensão e do repouso. Com efeito, sabemos um pouco a respeito: esta pretensa opinião, que seria a redução a nada deste algo que teria se levantado e que seria a vida, nada nos indica que, naquilo também, se assim se pode dizer, algo não se mexa e que a dor de estar lá no fundo, eu não a faça surgir, eu não a extrapole. Ela é indicada por Freud como sendo algo que deve ser considerado como último resíduo da relação de *Thanatos* com *Eros*. Sem dúvida alguma, *Thanatos* pode se libertar pela agressividade motora do sujeito em relação ao que o cerca. A natureza está aí, mas algo permanece ligado a seu interior, esta dor de ser lhe parece algo verdadeiramente fundamental, como ligado à própria existência do ser vivo.

Nada prova que esta dor de ser seja exclusiva dos vivos, pelo que sabemos sobre esta natureza fermentando, fermentante, apodrecente, animada, e até explosiva, como podíamos imaginar até agora.

Mas a relação do sujeito ao significante, na medida em que ele deve se constituir no significante e que, vez por outra ele se recusa a fazê-lo, ele diz não, não serei um elemento da cadeia, isto é algo bem concreto, e é o fundo. Mas aqui o anverso é exatamente a mesma coisa que o reverso, pois o que ele faz a todo instante em que se recusa, de alguma forma, a pagar uma dívida que não contraiu? Não faz nada além de perpetuá-la, por suas sucessivas recusas, de estar sempre mais ligado a esta cadeia significante. É pela necessidade eterna de repetir a mesma recusa que Freud nos mostra o papel último de tudo quanto do inconsciente se manifesta sob a forma da reprodução sintomática.

Vemos, pois, aí, e só precisa isso para entender em que, a partir do momento em que o significante é introduzido, seu valor é fundamentalmente duplo, quero dizer, como o sujeito pode se sentir afetado como desejo, porque afinal, aí está ele, não é o Outro; o Outro como louco [ou: com o chicote – fou/fouet] está abolido. Mas ele ao contato com o

12 de fevereiro de 1958

louco [o chicote – fou/fouet] é imaginário, evidentemente significativo, ele se sente como desejo encostado [repelido] [por aquilo] àquilo que o consagra e o valoriza, profanando-o. Sempre há no fantasma masoquista este lado degradante, este lado profanatório que ao mesmo tempo indica a dimensão do reconhecimento e este modo de relação com o sujeito proibido, com o sujeito paterno. É o que se constitui no fundo do fantasma do sujeito, em sua parte desconhecida.

Notemos que isto vai ter este papel radical de duplo sentido do significativo a partir do momento em que se introduz, facilitando o acesso do sujeito. Por isso não citei nem pus em jogo até agora no esquema, para poupar suas pequenas cabeças. Porque na última vez houve tremendas complicações a partir do momento em que introduzi a linha paralela $i-m$ a saber, a existência, num certo momento, da imagem do corpo com o $eu [m]$ do sujeito. Porém não podemos desconhecê-lo. Este rival não interveio pura e simplesmente numa relação triangular, o obstáculo radical à mãe deste algo que no texto *As Confissões* de Santo Agostinho, provoca na jovem criança de peito, ao ver seu irmão de leite mamando [no seio da mãe], esta palidez mortal da qual fala Santo Agostinho.

Há algo verdadeiramente radical, fatal para o sujeito, bem exprimido neste trecho, mas há também o termo de identificação ao outro. Em outras palavras, o caráter fundamentalmente ambíguo que liga o sujeito a toda imagem do outro, constitui a introdução natural do sujeito no lugar do rival no mesmo lugar e a seguir a ele, pois é ele que está, aí. A partir deste momento, a mensagem chegará com um sentido totalmente oposto, já que ele é a mensagem.

O que veremos então é o que nos faz entender melhor de que se trata. É que uma parte da relação vem entrar em ligação com o $eu [m]$ do sujeito, e que os fantasmas consecutivos [persecutórios – consécutes/persécutes] podem tomar sua organização e sua estrutura. Quero dizer que não é por nada que é nesta dimensão, aquela que é a série completa dos intermediários onde se constitui a realidade entre o objeto primevo materno e a imagem do sujeito, que vem se situar todos estes outros que são o suporte do objeto significativo, isto é, do louco [chicote – fou/fouet]. Naquele momento, o fantasma, em sua significação, quero dizer o fantasma na qualidade de criança castigada, na medida em que se torna naquele momento a relação ao Outro, com o Outro do qual se trata de ser amado posto que ele não é reconhecido como tal, se situa em algum lugar na dimensão simbólica entre o pai e a mãe, entre os quais, aliás, ela oscila efetivamente.

Hoje eu os fiz percorrer um caminho não menos difícil que o da última vez. Esperem para controlar seu valor e validade, e do que poderei dizer a respeito mais tarde. Para terminar, com uma pequena nota que pode ser uma sugestão para a aplicação destes textos, e é isto: é comum na análise que se diga que a relação do homem com a mulher e a da mulher com o homem, especialmente, comporta da parte da mulher uma parte de masoquismo. Este é o tipo de erro característico de perspectiva ao qual nos leva sempre não sei que tipo de deslizamento numa espécie de confusão ou de rotina de nossa experiência. Não é porque os masoquistas manifestam em suas relações com seus parceiros certos signos ou fantasmas de uma posição tipicamente feminina, que inversamente a relação da mulher com o homem seja masoquista. Quero dizer que a noção da relação da mulher com o homem como sendo a de alguém que apanha é algo que pode ser uma perspectiva do sujeito masculino, na medida em que a posição feminina o interessa. Mas não é porque o sujeito masculino, em certas perspectivas, sejam elas as suas ou as de sua experiência clínica, percebe uma certa ligação entre a tomada de posição feminina e algo que tem mais ou menos relação com o

12 de fevereiro de 1958

significante da posição do sujeito, para que isto seja efetivamente radical e constitutivamente feminino.

Notem isso de passagem, a respeito do que se chama de masoquismo feminino, que Freud introduz este termo no artigo sobre o problema econômico do masoquismo. É extremamente importante fazer tal correção.

Não tive tempo para lhes dizer o que quero sobre as relações do falo e da comédia. Lamento, mas isso ficará para nosso próximo encontro.